

QUEM PAGA A CONTA DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS

Sebastião Teixeira Gomes¹

Um aspecto importante da economia agrícola diz respeito aos termos de troca entre setores da economia, bem como dentro do próprio setor agrícola. O presente artigo se propõe examinar essa questão utilizando dados do projeto "Acompanhamento de Indicadores Econômicos da Agricultura da Região de Viçosa-MG", desenvolvido pelo Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa.

Examinando os dados do Quadro 1, verifica-se que, em 30/09/87, o agricultor trocava, por exemplo, 100 kg de feijão por 205 kg de adubo químico e, em 30/08/88, por apenas 131 kg; reduzindo em 36% seu poder de compra. Isto significa que houve transferência de renda do setor rural para o industrial, porque pioraram os termos de troca para o agricultor.

Examinando ainda mais o Quadro 1, verifica-se que, em 30/09/87, o agricultor trocava 100 kg de arroz pelo serviço de 10 dias-homem e, em 30/08/88, por 17 dias-homem, aumentando em 70% seu poder de compra. Enquanto a mudança dos termos de troca piorou para o agricultor em relação aos insumos industriais (adubo químico e semente híbrida), ela melhorou em relação aos serviços (mão-de-obra e serviços de tração animal).

Para se ter melhor idéia das perdas e dos ganhos do produtor com a mudança dos termos de troca, há necessidade de ponderar essas variações pela participação de cada componente no custo de produção. Nos sistemas de produção adotados na região de Viçosa, os custos com mão-de-obra e fertilizantes são os mais relevantes do custo de produção. Mão-de-obra participa do custo do milho com 22%; feijão, com 28%, e arroz em várzea úmida com 60%. O adubo químico participa com 24% do custo do milho; 36% do feijão e não é utilizado na cultura do arroz.

¹ Professor da UFV e consultor da EMBRAPA/CNPGL. Escrito em 20-09-88.

Os dados apresentados anteriormente permitem as seguintes conclusões, referentes à região de Viçosa, no período de 30/09/87 a 30/08/88: a) o setor rural transferiu maciços recursos para o setor industrial, comprando mais caro adubo químico e semente híbrida; b) o produtor que contratou mão-de-obra repassou suas perdas ao trabalhador rural, pagando-lhe salário mais baixo e c) o trabalhador rural e o agricultor que utiliza mão-de-obra familiar são os mais prejudicados com a mudança dos termos de troca, porque eles não tem como repassar suas perdas. São eles, portanto, os que, efetivamente, estão pagando a conta da produção de alimentos.

Quadro 1 - Valor-equivalente a 100 kg de produto (milho, arroz e feijão) na região de Viçosa-MG

Especificação	Unidade	Datas	
		30/09/87	30/08/88
MILHO			
Sementes híbridas	kg	17,24	10,84
Adubo químico (4-14-8)	kg	50,50	43,78
Serviço de tração animal	n.º	1,25	1,66
Mão-de-obra	d/homem	6,25	9,52
ARROZ			
Serviços de tração animal	n.º	2,00	3,00
Mão-de-obra	d/homem	10,00	17,14
FEIJÃO			
Adubo químico (4-14-8)	kg	204,85	131,35
Mão-de-obra	d/homem	25,35	28,57

Exemplo:

Em 30/09/87, 100 kg de milho equivaliam, em valor, a 50,50 kg de adubo químico e em, 30/08/88, a 43,78 kg.